

conhecidos em sua particularidade e esforço. A comunidade era pequena e se auto abastecia. Contudo, quando a técnica permitiu produzir acima do que necessitava a comunidade, formando-se formidável abundância, apontou o problema de conseguir avaliar a justeza das trocas e o esforço que exigiam os produtos do trabalho. A produção rumava no sentido do excedente econômico. E aí surgiu o obstáculo de estimar aquele trabalho que ia se tornando cada vez mais social, elaborado por mais e mais indivíduos, com maior diversidade e quantidade de coisas. Trocando em miúdos, estava despontando a mercadoria. Algo que era resultado de uma produção não mais feita para si, mas para os outros homens seus semelhantes. Os indivíduos se especializavam nalguma função, dominavam técnicas, produzindo quantidade superior às necessidades que os cercavam. Alguns transtornos começaram a aparecer.

Como estimar o valor das coisas? Dentro da sociedade também foram emergindo objetos que serviam para avaliar por comparação o valor dos trabalhos. Estava nascendo gradativamente o dinheiro. O homem não inventa o dinheiro, como o mágico que saca o coelho da cartola para assombro da plateia. Ele descobre o dinheiro. Primeiro este esteve na forma das próprias mercadorias trocadas, com destaque para a mais importante numa comunidade. A mercadoria principal atuava como referência: o trigo, as peles, o sal. Quando esta mercadoria de troca vai exigindo um aspecto mais aprimorado, manipulável, transportável com facilidade, chega-se pelo uso e a experiência à forma arredondada, de caráter metálico, de moeda propriamente dita com é até hoje reconhecida. O homem estava aprendendo cada vez mais a vender. Produzir coisas que seriam vendidas, com utilidade para os outros e não mais para si mesmo. Os produtos do trabalho se tornaram vendáveis pela abundância em que se deparavam. Feitos cada vez mais para vender com utilidade alheia, para os outros, e não mais para si em auto consumo. Surgia aos poucos o mercado enquanto localidade para se comprar e vender os excedentes produtivos. E neles atuavam os comerciantes, uma nova figura social.

Enquanto as sociedades permaneceram na economia de auto subsistência, não careciam de moeda. Produziam para si. Permutavam necessidades diferentes entre seus membros. Em contrapartida, as sociedades mais complexas e diversificadas que abandonaram a economia de subsistência e ingressaram em amplo comércio, requestaram a presença obrigatória de um instrumento cômodo, a moeda para refletir a avaliação do valor do trabalho dos objetos produzidos, transmutados em mercadorias. Esse valor seria fixado pelas moedas metálicas. E estas facilitariam sobremaneira os atos de vender e comprar. Como estes dois atos seriam intermediados por um mercado, além do valor trabalho contido nas mercadorias que deveria ser estimado, apareceria um preço quando vendedores e compradores se defrontassem. Emergiria a circulação de mercadorias com um dado preço, mediadas pela moeda como instrumento de passagem para sair da mão de Paulo e cair na mão de Pedro. As mercadorias estavam prontas e em si portadoras simultâneas de valor de uso e valor de troca: utilidade e valor. Portanto, agora estavam maduras as condições: produção, comércio e moeda, para nascer a inflação ou a deflação.

Quando na circulação de mercadorias o preço destas por certo motivo aumentasse, o valor nominal inscrito na moeda, não seria mais suficiente para comprá-las. Faltariam moedas para levar para casa a mesma quantidade de mercadorias que antes. Estava caracterizada a inflação como seria percebida ao longo dos tempos: alta generalizada de preços. No cálculo do comprador, a moeda não guardava mais o mesmo valor de compra. Valia menos. Levava para casa menos coisas que antes. A pobreza se instalava.

Ao contrário, quando os preços das mercadorias diminuíssem, probabilidade

também acontecível, sobriam moedas para carregar para casa. Ou, levava-se um pouco mais de mercadorias que de praxe para os lares. Estava caracterizada a deflação como seria reconhecida tempos afora: declínio generalizado de preços. Os cálculos do comprador ficaram mais auspiciosos. A moeda ganhara poder de compra. Valia mais. Levava mais coisas que outrora. A riqueza se mostrava.

Porém, a inflação acentuada se tornou fenômeno mais visível e nefasto, traços que a deflação nem sempre contém. A inflação atemorizava a todos. Aparece mais. Desde épocas mais antigas, como de Roma em seu declínio, ela se avista, apavora, arrepiam os viventes e faz declinar o poder de compra da moeda. Numa dessas ocasiões, de milênios atrás, digna de registro, Diocleciano (285-305 d.C.) era imperador de Roma. Enfrentou o fenômeno de potente inflação e para tentar subjugar-la recorreu ao congelamento de preços, fixando um preço máximo em edital de tabela para várias mercadorias, inclusive as humanas, que não poderiam sofrer aumento na moeda de então, o *denarius*¹, aonde quer que se estendesse o domínio romano.

Até o momento, foi dito o que é inflação, como é conhecida desde eras antigas. Na aparência, sua descrição se conservou semelhante. Foi apontada de onde surge, aliás da circulação de mercadorias. Porém, lidou-se somente com sua manifestação superficial, enquanto efeito de algum sucedido a desvendar. As mercadorias (M) entram em circulação intermediadas pela moeda que hoje se diz dinheiro (D). Transitam da mão do vendedor para a do comprador em inúmeros atos repetidos ininterruptamente no cotidiano. Uma famosa grafia de Marx, assim coloca esse movimento infundável: M – D – M – D – M. Simboliza a travessia da mercadoria do vendedor (M-D) ao comprador (D-M). E pela sua venda e compra a sociedade sobrevive. Disso parte o fluxo econômico de sustentação do organismo social em qualquer lugar planetário.

A sociedade de hoje não é mais a romana cuja economia dependia do trabalho escravo para acionar o fluxo econômico. Tornou-se vezes e vezes mais complexa. Multiplicou extraordinariamente sua capacidade de produção. Produz inúmeros tipos de mercadoria, seja para a imaginação, a subsistência imediata ou a produção em fábricas. Em comum, desde Diocleciano, nossa sociedade guarda apenas o envoltório da circulação de mercadorias junto com a necessidade do dinheiro como instrumento operacionalizador de trocas. E mesmo esse dinheiro mudou de forma. É na atualidade papel moeda, cartão de débito ou crédito. Cumpre o mesmo papel que antigamente, o de fazer as mercadorias e serviços circularem. Mesmo assim, a inflação e a deflação ainda vão se revelar tal como na antiguidade com seu efeito declarado na moeda. No que esta consegue comprar a mais ou a menos e pôr em cima da mesa. Na contemporaneidade do século XXI, inflação e deflação quanto à sua razão de ser, terão por referência uma economia capitalista que divisoou na Revolução Industrial sua autêntica forma de existência: a grande escala de produção.

No ato da venda (M-D) está a produção. No ato da compra (D-M) a demanda. Os dois entram em contato pela intervenção do dinheiro, apenas um símbolo ideal de conta numérica para exprimir a quantidade e complexidade de trabalho social existente no que o homem produz. Também se diz na terminologia bancária que dinheiro é numerário. Portanto, nesse mundo de hoje, essa inflação ou deflação poderá ter como causa duas origens principais: a produção (M-D) ou a demanda (D-M). No primeiro caso, por motivo de custo de produção na quantidade a ser oferecida. No segundo, por motivo monetário, de moeda em mãos, na quantidade a ser procurada. E um também pode interagir com o outro. Essa acepção básica de inflação/deflação é o que vários autores clássicos e livros

1 A moeda romana Denarius passou a ser traduzida como dinheiro na língua portuguesa.

texto da ciência econômica celebram como a interpretação tradicional e usualmente aceita da causa do fenômeno e que correu mundo afora. Não para por aqui o estudo. Mas, pelo adiantado da hora, serve de começo.

EDITAL DE CONGELAMENTO DE PREÇOS DE DIOCLECIANO

| | Mercadoria | Quantidade | Denários |
|----|--|--------------------|----------|
| 1 | Vinho Piceno | 1 sestário itálico | 30 |
| 2 | Vinho Tributino | 1 sestário itálico | 30 |
| 3 | Vinho Falerno | 1 sestário itálico | 30 |
| 4 | Vinho comum | 1 sestário itálico | 8 |
| 5 | Cerveja de trigo ou cevada | 1 sestário itálico | 4 |
| 6 | Cerveja de cevada egípcia | 1 sestário itálico | 2 |
| 7 | Vinho de “absenta” | 1 sestário itálico | 20 |
| 8 | Vinho rosado | 1 sestário itálico | 20 |
| 9 | Azeite de primeira prensado | 1 sestário itálico | 40 |
| 10 | Azeite de segunda prensado | 1 sestário itálico | 24 |
| 11 | Azeite comestível comum | 1 sestário itálico | 24 |
| 12 | Vinagre | 1 sestário itálico | 6 |
| 13 | Molho de peixe de 1ª qualidade | 1 sestário itálico | 16 |
| 14 | Molho de peixe de 2ª qualidade | 1 sestário itálico | 12 |
| 15 | Sal | 1 sestário itálico | 8 |
| 16 | Mel de ótima qualidade | 1 módio militar | 40 |
| 17 | Mel de tâmara | 1 sestário itálico | 8 |
| 18 | Carne de porco | 1 sestário itálico | 12 |
| 19 | Carne de boi | 1 libra itálica | 8 |
| 20 | Carne de cabra ou de castrado | 1 libra itálica | 8 |
| 21 | Presunto ótimo da perna “messapico” ou “carretano” | 1 libra itálica | 20 |
| 22 | Cavalo de tiro | 1 libra itálica | 100000 |
| 23 | Cavalo de 1ª qualidade para soldado | Unidade | 36000 |
| 24 | Mula de 1ª qualidade | Unidade | 36000 |
| 25 | Camelo de 1ª qualidade de Bactriana | Unidade | 25000 |
| 26 | Dromedário de 1ª qualidade | Unidade | 20000 |
| 27 | Bois de 1ª qualidade | Unidade | 10000 |
| 28 | Touros de reprodução de 1ª qualidade | o par | 5000 |
| 29 | Ovelha de 1ª qualidade | Unidade | 400 |
| 30 | Cabra de 1ª qualidade | Unidade | 400 |
| 31 | Escravo varão entre 16 e 40 anos | Unidade | 30000 |
| 32 | Escrava entre 16 e 40 anos | Unidade | 25000 |
| 33 | Varão de mais de 60 anos e menos de 8 | Unidade | 15000 |
| 34 | Mulher de mais de 60 anos e menos de 8 | Unidade | 1000 |

SILVEIRA FILHO, J da. **Inflação e deflação**: um estudo preliminar. **Janela Econômica**, Curitiba, ano 12, nº 3, jun, 2017. **ISSN 2358-3525**

REFERÊNCIAS

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. Livro 1. Editorial Boitempo.
Grande História Universal - O declínio do Império romano. Folio, 2007, p. 34-35.
FLORENZANO, Z. História. Curitiba: Edição do autor, 2012, p. 34-67.

A **JANELA ECONÔMICA** é um espaço de divulgação das ideias e produção científica dos professores, alunos e ex-alunos do Curso de Ciências Econômicas das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

- Cada artigo é de responsabilidade dos autores, e as ideias nele inseridas não necessariamente refletem o pensamento do curso.
- O objetivo deste espaço é mostrar a importância da formação do economista na sociedade.